

Philip Roth
ENGANO

Romance

Tradução de
Francisco Agarez



D. QUIXOTE



- Eu escrevo as respostas. Começa tu.
- Como se chama?
- Não sei. Como vamos chamar-lhe?
- Questionário sobre o sonho de fugirmos juntos.
- Questionário sobre o sonho dos amantes de fugirem juntos.
- Questionário sobre o sonho dos amantes de meia-idade de fugirem juntos.
- Tu não és de meia-idade.
- Ai isso é que sou.
- A mim pareces-me jovem.
- Ai sim? Bem, isso vai ter certamente de ressaltar do questionário. Os dois candidatos têm de responder a todas as perguntas.
- Começa.
- Qual é a primeira coisa a meu respeito que te mexeria com os nervos?
- Quando estás no teu pior, o que é o teu pior?

– Tens mesmo essa vivacidade toda? Os nossos níveis de energia equivalem-se?

– És extrovertida, encantadora e equilibrada, ou és solitária e neurótica?

– Quanto tempo levarias a sentir atração por outra mulher?

– Ou homem?

– Não podes envelhecer nunca. Pensas o mesmo a meu respeito? Costumas pensar no assunto?

– Quantos homens ou mulheres tens de ter em cada momento?

– Quantos filhos queres ter a interferir com a tua vida?

– És uma pessoa organizada?

– És completamente heterossexual?

– Tens ideias concretas sobre o que me interessa em ti?
Responde com precisão.

– Dizes mentiras? Já alguma vez me mentiste? Achas que mentir é uma coisa normal, ou és contra a mentira?

– Esperarias que te dissessem a verdade se a exigisses?

– Exigirias a verdade?

– Pensas que a generosidade é um sinal de fraqueza?

– Os sinais de fraqueza são importantes para ti?

– Os sinais de força são importantes para ti?

– Quanto dinheiro posso gastar sem tu te zangares?
Entregavas-me o teu cartão Visa sem fazer perguntas?
Deixavas-me ter poder sobre o teu dinheiro?

– Em que aspetos já sou uma desilusão?

– O que é que te embaraça? Diz-me. Ao menos sabes?

Engano

– Quais são os teus verdadeiros sentimentos em relação aos judeus?

– Vais morrer? És mental e fisicamente saudável? Responde com precisão.

– Preferias alguém mais rico?

– Até que ponto iria o teu embaraço se fôssemos descobertos? Que dirias se entrasse alguém por aquela porta? Quem sou eu e por que razão está tudo bem?

– Quantas coisas escondes de mim? Vinte e cinco. Mais alguma?

– Não me ocorre nenhuma.

– Aguardo com ansiedade as tuas respostas.

– E eu as tuas. Tenho uma pergunta.

– Sim?

– Gostas do que eu visto?

– Estás a exagerar.

– Não estou nada. Quanto mais banal é o defeito, mais raiva inspira. É o que me diz a experiência.

– Está bem. Última pergunta?

– Eu faço. Eu faço. A última pergunta. Continuas de algum modo, em algum recanto do teu coração, a alimentar a ilusão de que o casamento é um caso de amor? Se sim, isso pode ser a causa de muitos problemas.

– Há dias, a namorada do meu marido deu-lhe um presente. É muito pretensiosa, uma pessoa muito ciumenta e ambiciosa. Para ela tudo tem de ser feito em tom

dramático. Ofereceu-lhe um disco. Não me lembro de qual, mas é uma música muito bela e muito conhecida. Schubert – é a história da maior paixão da sua vida, da mulher mais interessante do século, que era alta e esguia – bem, gira tudo à volta disso. Vem tudo muito bem explicado na contracapa, que aquela é a maior paixão que se pode imaginar, o verdadeiro casamento de duas mentes verdadeiras, e tudo aquilo é uma coisa muito exaltada sobre a infelicidade e o êxtase de se verem separados pelo cruel destino. Estava na cara que era um presente pretensioso. Ele comete o erro de ser franco em relação a estas coisas, percebes? Podia simplesmente ter dito que tinha comprado aquilo. Mas disse-me que ela lho tinha dado. E acho que nem sequer olhou para a contracapa do disco. Uma noite eu estava bêbeda e peguei numa daquelas canetas cor-de-rosa que servem para sublinhar e realçar coisas. E sublinhei umas sete frases que, assim destacadas, ficavam hilariantes. Depois recuei calmamente para uma distância decorosa e estendi-lhe a capa do disco. Achas que fui horrível?

– Porque é que estavas bêbeda?

– Não estava bêbeda. Tinha bebido um bocado.

– Bebes muito à noite.

– Sim.

– Quanto?

– Ora, bebo uma quantidade enorme. Depende. Há noites em que não bebo nada. Mas quando bebo sou bem capaz de emborcar várias doses duplas antes de jantar,

várias depois, e vinho durante. Mas nem sequer chego a ficar bêbeda. Só um bocado eufórica.

– Então ultimamente não tens lido muito.

– Pois não. Se bem que não beba sozinha. Está alguém comigo quando bebo. Se bem que não passemos muito tempo juntos. Bem, ultimamente sim – mas não é habitual.

– Vida estranha a vossa.

– Sim, é estranha. É um disparate. Mas que queres, a minha vida é assim.

– És muito infeliz?

– Isso tem períodos, acho eu. Uma pessoa tem períodos de desânimo. E depois vêm longos períodos de certa calma e amor. Durante muito tempo parecia que as coisas estavam a piorar. E a seguir houve um período curto em que tudo parecia estar a resolver-se. E agora penso que nem eu nem ele queremos entrar em grandes conflitos. Porque não levam a lado nenhum. E só tornam mais difícil a nossa vida em comum.

– Ainda dormem juntos?

– Estava à espera de que me perguntasses isso. Não vou responder a essa pergunta. Se quiseres ir a algum sítio da Europa, sei exatamente aonde quero ir.

– Comigo?

– Hum. Amesterdão. Nunca lá fui. E está lá uma exposição fantástica.



– Estás a olhar para o relógio de parede para ver que horas são.

– As pessoas que bebem muito olham várias vezes para o relógio antes de beber o primeiro copo. Pelo sim, pelo não.

– Qual é o teu problema?

– Ora, nenhum. Duas amas, dois filhos e duas mulheres a dias, toda a gente numa grande algazarra, e a tradicional humidade inglesa. E depois é a minha filha, que, desde que esteve doente, se habituou a acordar-me a toda a hora, às três, às quatro, às cinco. O que é cansativo é que eu sou responsável por todas as minhas responsabilidades. Preciso de uma pausa. E acho que não podemos continuar a ter relações sexuais. O dia é muito curto.

– Achas mesmo? Isso é muito mau.

– Não, acho que não podemos. Não concordas? A última vez que falámos sobre isto as tuas palavras foram no mesmo sentido, não foram?

– Ah, estou a ver. A melhor defesa é o ataque. Muito bem. Como queiras.

Riu-se. – Bom, parece-me que é o melhor. Acho que tu deixaste tudo muito claro quando disseste que isto te estava a pôr doido.

– O que é que me estava a pôr doido?

– Ora, todas estas questões do sexo. Disseste que não te apetecia muito ter uma amizade meramente romântica.

– Estou a ver.

Engano

– Estás com aquela expressão de quem se está nas tintas.
– Não, não, não é. É a minha expressão de estar a ouvir o que me dizem.

– Bem, talvez eu não devesse ter simplificado tanto.
– Ai não? Então simplifico eu, se é simplificação que queres.

– Não fiques calado. Detesto que fiques calado.

– É muito estranho ver-te.

– Mais estranho é não me veres, ou não será?

– Não. O normal é *não* te ver.

– Estás um bocado diferente. Que te aconteceu?

– Para estar diferente? Diz-me em que estou diferente e eu digo-te a razão. Estou mais alto, mais baixo, mais gordo, mais largo?

– Não, é uma coisa subtil.

– Uma coisa subtil? Queres que diga a verdade? Tive saudades tuas.

– Fui visitar uma amiga nossa que deixou o marido. É muito inteligente, muito bonita e muito bem-sucedida. E é extremamente corajosa e determinada. E tem montes de dinheiro. E está com um ar péssimo.

– Há quanto tempo está sozinha?

– Dois meses.

– Ainda vai ficar com um ar pior.

– Não só ganha imenso dinheiro num emprego interessante como já tinha muito dinheiro, portanto não tem problemas desses.

– Tem filhos?

– Dois filhos.

– Uma visita profilática.

– Bem, se nem ela consegue, então... já vês. Esteve gravemente doente, mudou de casa, acabou de se divorciar e os filhos sofrem e estão cada vez mais insuportáveis e... nem quero pensar. Nem quero pensar.

– Tu não queres que ele a deixe, pois não? Não queres dizer: «Se não a deixas vou dormir para o outro quarto. Ou a fodes a ela ou a mim. Agora escolhe.»

– Não. Não. Acho que ela tem um papel verdadeiramente importante na vida dele, e seria não só uma loucura mas também uma prova de egoísmo.

– Egoísmo da tua parte?

– Sim.

– A sério? É assim que vês as coisas? Se é, podes casar-te comigo. É um ponto de vista lindo – nunca vi nada assim. Uma mulher que diz: «Seria egoísta da minha parte pedir ao meu marido que deixasse a amante.»

– Mas é isso mesmo que eu penso.

– Normalmente as pessoas pensam que é egoísmo da parte do homem querer uma amante e tê-la, não egoísmo da parte da mulher pedir-lhe que a deixe.

– Um ponto de vista razoável e correto não surge naturalmente. Foi essa a minha primeira reação. Mas é o que eu penso... Percebo que me portei de forma muito estúpida com o meu marido, mas talvez seja por não saber o que fiz mal. Durante anos tive de suportar a minha terrível depressão e solidão. Não creio que fosse uma completa surpresa – eu passava tanto tempo sozinha, e ele passava tanto tempo fora e trabalhava tanto. Não tive outras aventuras, porque sempre o achei vulnerável e necessitado de proteção.

– A mim não me parece assim tão vulnerável.

– Então ele está em segurança num quarto de hospital. Achas que a sirigaita está lá com ele?

– «Sirigaita» é uma palavra maravilhosa.

– Bem me parecia que ias gostar. Estás finalmente a ter as tuas feriazinhas.

– Bem, se calhar tenho sido injusta para com ele. Tem muitas qualidades. Mesmo muitas. Mas a verdade é que há muito tempo não dormia tão bem. Acordei esta manhã a sentir-me absolutamente normal.

– Já ouviste o disco que eu te dei?

– Não. Tive de o esconder.

– Porque é que tens de o esconder?

– Porque não seria normal eu ter comprado um disco. É coisa que não costumo fazer.

- Então que vais fazer com ele?
 - Bem, vou ouvi-lo à noite, quando estiver sozinho.
 - Que vais fazer se ela o descobrir? Comê-lo com sal e pimenta?
 - Eu até costumava comprar discos, mas era sempre uma chatice tão grande que... deixa, são águas passadas.
 - O quê? Também discutiam por causa disso?
 - Também.
 - A sério?
 - Sim.
 - Não há nenhuma necessidade.
 - Pois não.
-
- Estás linda. Esse fato é muito bonito. Está do avesso?
 - Não. Tenho muitos fatos com as costuras pelo lado de fora. Tu é que nunca reparaste. É finíssimo. Dá um certo ar de anarquia.
 - Bem, estás linda mas pareces cansadíssima. E estás outra vez a emagrecer. Não tomas vitaminas e essas coisas todas?
 - De vez em quando tomo. É que não como há três dias. Ando muito ocupada.
 - Demasiado ocupada.
 - É verdade. Estou sentada na sala a tentar escrever à máquina, e então entra a pequenina e a primeira coisa que faz é mijar na alcatifa. E depois sai e chora mais um bocadinho e volta a entrar. Depois baralha-me as páginas

do manuscrito, tira o telefone do descanso, e vem para o pé de mim e borra-se toda no meu sofá. Depois tenho de sair para ir trabalhar e passar oito horas a bajular o meu chefe.

– E o marido?

– Quando não te vejo é mais fácil. Uma pessoa adapta-se e distrai-se com outras coisas... e esquece, sabes? Assim não tenho de te envolver em comparações desagradáveis. Há muito tempo que tenho vontade de te explicar o que me vai na cabeça. Mas sinto que talvez seja abusar de ti, e não quero isso. O que quero é nunca mais ter de te explicar todas estas merdas. Se me perguntares respondo, mas prefiro não falar no assunto.

– Mas fala. Eu gosto de saber o que te vai na cabeça. Gosto muito da tua cabeça.

– A minha mãe veio passar o fim de semana comigo. E ele sumiu-se. Passei o fim de semana sozinha com a minha mãe. E há várias noites que não durmo bem. E penso muito em ti. E amanhã vou ter de ir almoçar com a minha sogra, o que é uma experiência um tanto ou quanto extenuante... para criticar não há outra como ela. Consegue ser tão diabolicamente desagradável que o melhor é tentar mantê-la na ignorância das coisas. E a ama é refilona. Estas fulanas passam a vida a saltitar de casa em casa, fazem comparações entre os patrões, e a nossa está a ficar refilona. E sabes o que é o colo do útero?

– Penso que sim.

– Que expressão mais parva, «colo do útero». Seja como for, tenho um quisto no meu. Vou ter de fazer um exame qualquer. E o meu marido acusa-me de lhe ter dado cabo da vida sexual. «És tão sisuda», diz ele, «contigo é tudo tão sério, tão terrível, não fazes nada com alegria, com prazer, com humor»... e acho que tem razão. Acho que exagera grosseiramente, mas não deixa de ter razão. O sexo não me dá prazer nenhum. É tudo muito solitário e difícil. Mas a vida é mesmo assim, não é?

– Porque é que não tentas vir-te para fazer um favor ao teu marido?

– Porque não quero.

– Faz isso. Descontrai-te e vem-te. Sempre há de ser melhor do que discutir.

– Fico tão furiosa com ele.

– Não fiques furiosa. É teu marido. Está-te a foder. Deixa-o foder.

– Estás a dizer que tenho de me esforçar mais.

– Não. Sim. Faz *isso* e pronto.

– Essas coisas não se controlam conscientemente.

– Controlam, sim. Basta que sejas puta durante meia hora. Não morres por isso.

– As putas não se vêm. É evidente que não querem.

– *Finge* que és puta. Não leves a coisa tanto a peito.

– O problema é dele... *ele* é que leva a coisa muito a peito. É uma daquelas pessoas que pensam que as mulheres deviam ter orgasmos múltiplos e que os dois parceiros deviam sempre vir-se ao mesmo tempo. Bem, tudo isto

é perfeitamente normal, é isso que acontece com os jovens, porque para eles é muito fácil. Mas a partir do momento em que há um passado e uns quantos ressentimentos acumulados... oh, existe *tanta* hostilidade entre nós. E porque *é* que uma pessoa perde definitivamente o interesse sexual por outra?

– Porque não me perguntas antes por que razão neva?

– Mas é razão suficiente para o deixar, não é?

– Não é por essa razão que o vais deixar, se é que vais deixá-lo.

– Não, mas, pensando bem, é essa a raiz do problema. Ele não iria suportar o meu desinteresse.

– Como estás?

– Olha, atarefada e furiosa, como de costume.

– Estás com um ar cansado.

– Bem, não é para admirar, pois não? Devo ter a maquiagem a escorrer pela cara abaixo.

– Estás zangada porquê?

– Tive uma cena horrível com o meu marido. Ontem. Porque era o Dia dos Namorados e tem sempre de haver uma cena. Alguém lhe tinha dito que ele não era o marido certo para mim porque o que eu quero é ser mimada... e é claro que fiquei furiosa... mas às vezes não sei se não será verdade.

– Pois olha, eu, talvez por ser o Dia dos Namorados, acordei a meio da noite e tive a sensação deliciosa de que

tu me estavas a pegar na piça. Agora, que penso nisso, talvez fosse a minha mão. Mas não era. Era a tua.

– Não era a de ninguém. Era um sonho.

– Sim... chamado «Sê a Minha Namorada». Como foi que eu me deixei embeijar tanto por ti?

– Acho que é por passares o dia inteiro aqui metido. Aqui sentado, não tens nenhuma experiência nova.

– Tenho-te a ti.

– Eu sou igual ao resto.

– Não és, não. Tu és adorável.

– Sou? Achas mesmo? A verdade é que me sinto um tanto ou quanto em baixo. Sinto-me muito velha.

– Já lá vai quanto tempo?

– Referes-te a nós? Um ano e meio, mais ou menos. Não costumo fazer nada que dure mais de dois anos. Refiro-me aos empregos e essas coisas. A verdade é que não sei nada a teu respeito, não é? Bem, sempre sei alguma coisa. Pela leitura dos teus livros. Mas não muito. É difícil conhecer uma pessoa numa única sala. É como se estivéssemos escondidos num sótão, como a família Frank.

– Pois, mas é o que temos.

– Pois é. A vida é assim.

– Não temos outra.

– E se me desses uma bebida?

– Estás quase a chorar, não estás?

– Estou? Sinto uma necessidade urgente de privacidade. Desde que me conheço, anseio dormir sozinha. Não, é exagero. Mas ao fim do dia, quando estou mesmo cansada